

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA  
INSTITUTO ECUMÊNICO DE PÓS GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

**LITURGIA COM CRIANÇAS**

Odete Líber de Almeida

MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM TEOLOGIA  
Área de concentração: Liturgia

São Leopoldo, 20 de junho de 2003.

LITURGIA COM CRIANÇAS

MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO  
MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM TEOLOGIA  
Área de Concentração: Liturgia

Por

Odete Líber de Almeida

em cumprimento parcial das exigências  
do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia  
para a obtenção do grau de Mestra em Teologia

Escola Superior de Teologia  
São Leopoldo, RS, Brasil  
Junho de 2003

## **DEDICATÓRIA**

Ao Dri,  
Amigo, companheiro, em quem  
encontrei ajuda e incentivo nos  
momentos difíceis da caminhada.

## AGRADECIMENTOS

Quando lemos um texto, temos a impressão de que para a sua produção foram necessários apenas alguns meses ou anos de estudo e pesquisa. Contudo, depois de escrever este trabalho, estou convencida de que, além do tempo de estudo e pesquisa, outros fatores foram imprescindíveis. Por isso, agradeço a:

Deus, Pai e Mãe, Filho e Espírito Santo: Criador e Sustentador de todas as coisas. Nele encontro sentido para a vida, mesmo quando tudo ao redor parece obscuro e incerto. Ele tem sido o motivador da minha busca litúrgica e a força motivadora para a missão, para que junto com outros/as semeie o novo tempo, onde a vida se realizará em toda a sua plenitude.

Minha mãe, exemplo vivo de coragem, caráter, amor, força e luta no inóspito caminho da vida. Foi ela quem fez da minha infância um jardim florido, ensinando-me que a criança também celebra a Deus e que a jornada de mil milhas começa com um único e firme passo.

Sônia, Nelson e Raquel, grandes novos amigos, que abriram as portas de seu lar, onde encontrei momentos de alegrias, aconchego, estudo e descanso.

Zazau, pelo fazer existir da amizade.

Aos irmãos e irmãs da Igreja Metodista em San Martin – Recife/PE, pelas orações e o carinho.

Professor Dr. Nelson Kirst, orientador e amigo, por partilhar o sonho da liturgia com toda a sua beleza e mostrar que ela é terapêutica em nossas vidas.

Aos amigos/as do MPL, por partilharmos o mesmo sonho: Liturgia, pela amizade e luta: todos/as vivemos ou morremos!!! E não me perguntem “por que”!!!!

ALMEIDA, Odete Líber de. *Liturgia com crianças*. São Leopoldo : Escola Superior de Teologia, 2003.

## SINOPSE

O assunto deste trabalho é a participação da criança na liturgia do culto. O primeiro capítulo apresenta a tradição bíblico-teológica, mostrando que a criança estava integrada no culto e participava das celebrações, uma vez que o culto era espaço de integração, aprendizagem e rememoração, onde as crianças conheciam e amavam a Deus. O segundo capítulo destaca as teorias cognitivas de Jean Piaget, que são importantes no auxílio do conhecimento das etapas do desenvolvimento cognitivo da criança. Além disso, apresenta a teoria do desenvolvimento psicossocial da criança de James Fowler e Erik Erikson, que ajudam a entender a relação da criança com o mundo, permitindo a compreensão e aceitação plena da participação das crianças nas celebrações litúrgicas. O terceiro capítulo, ao falar de fé e espiritualidade, da relação entre fé e Deus, destaca que o desenvolvimento da fé é proporcionado pelo ambiente da comunidade de fé em que a criança vive. Por último, o trabalho apresenta apontamentos, que justificam a inclusão da criança na liturgia do culto eucarístico, visando contribuir com o seu crescimento espiritual, interação e permanência na comunidade de fé quando jovem adulto/a.

ALMEIDA, Odete Líber de. *Liturgy with children*. São Leopoldo : Escola Superior de Teologia, 2003.

## ABSTRACT

The theme of this work is children's participation in the worship liturgy. The first chapter presents the biblical-theological tradition. Such tradition shows that children were integrated in the worship, and participated in the celebrations, as the worship was a place of integration, learning, and remembrance where they knew and loved God. The second chapter emphasizes Jean Piaget's cognitive theories, which are important to help us understand the phases of children's cognitive development. Besides that, it presents James Fowler and Erik Erikson's theory of the psychosocial development of children, which helps us understand the child-world relationship; it makes it possible to understand and totally accept their participation in the liturgical celebrations. The third chapter, when it deals with faith and spirituality, and with the relationship between faith and God, stresses that the development of faith is provided by the environment of the community of faith where a child belongs. Finally, this work presents some notes, which justify the inclusion of children in the liturgy of the eucharistic worship. It aims at contributing to the children's spiritual growth, interaction, and permanence in the faith community when he or she is an young adult.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>CRIANÇA, FÉ E CULTO NA BIBLIA</b> .....	12
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E PSICOSSOCIAL DA CRIANÇA</b> .....	20
2.1- Introdução .....	20
2.2 – Desenvolvimento cognitivo .....	21
2.3- Desenvolvimento psicossocial .....	23
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>FÉ E ESPIRITUALIDADE</b> .....	29
3.1- Introdução .....	29
3.2- Fé e espiritualidade .....	30
3.3- Fé e Deus .....	33
<b>CAPÍTULO IV</b>	
<b>APONTAMENTOS PARA A INCLUSÃO DA CRIANÇA NO CULTO EUCARÍSTICO</b> .....	36
<b>CONCLUSÃO</b> .....	46
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	50

## INTRODUÇÃO

Apesar de a Igreja Metodista no Brasil propor práticas e posturas pastoral, educacional, política e social relevantes para o contexto latino-americano, em especial o brasileiro, há uma lacuna a ser trabalhada, que é a criança. Muito esforço tem sido feito, muito material tem sido produzido, mas no todo, no universo das necessidades das crianças e de suas potencialidade dentro do contexto da comunidade, todo este esforço representa apenas o começo do que precisa ser feito. Em nossas comunidades ainda permanece a marca das estruturas, linguagens e paradigmas adultas do Reino de Deus. Nesse contexto, a liturgia do culto não dá espaço para a criança, e o resgate da criança nas nossas celebrações culturais implica uma negação do que é comum e viável na sociedade de consumo (os modismos). Não podemos negar as coisas essenciais que pertencem a todas as pessoas, sejam elas adultas ou crianças.

A Igreja Metodista no Brasil tem vários documentos elaborados, mas, em especial, “Dons e Ministérios: Espiritualidade e Serviço”, o “Plano de Vida e a Missão da Igreja (PVM)”, a “Carta Pastoral do Colégio Episcopal sobre Batismo Infantil” e a “Pastoral as Criança” contém aspectos que ressaltam a importância da criança na comunidade. Estes documentos oferecem reflexões que favorecem a compreensão sobre o modelo de vida comunitária a partir dos dons e ministérios, e são propostas que trouxeram dinamismo para a ação missionária profética da igreja. Em especial, na carta pastoral sobre o Batismo Infantil e na Pastoral da Criança, há uma convocação para as comunidades para que criem e reconheçam espaços para as crianças<sup>1</sup>, e assim, se há prioridades, estas devem ser para as crianças.

---

<sup>1</sup> Colégio Episcopal, Carta Pastoral do Colégio Episcopal sobre o Batismo, p. 28.

Segundo a visão episcopal, o documento “Dons e Ministérios” não é um programa, mas um movimento que representa a participação ativa de todos/as os/as membros e simpatizantes. Contudo, há ainda a ausência das crianças nas atividades da igreja, em especial no culto. É necessário voltar a atenção para a criança que está dentro da comunidade, ampliando a visão das ações e relações dentro dela, nas quais a criança também participe. A premissa de que o mesmo Deus que chama também capacita as pessoas – para trabalhar, atuar, agir – deve ser entendida em relação à participação das crianças na igreja<sup>2</sup>.

Geralmente, a criança não é vista como pessoa, como sujeito de sua própria palavra. Sua palavra é silenciada, tomada. Diante desta realidade, importa recuperar o sentido das palavras na tentativa de recuperar a vida e as pessoas em suas relações uns com os outros. Recuperar a palavra significa recriar a vida através de relações pautadas nas necessidades mais essenciais e verdadeiras, as quais pressupõem a presença dos outros e do Outro para que possam existir. Quando a criança não é excluída do culto, ela torna-se co-participante da vida celebrativa da comunidade. A comunidade de fé, potencialmente capaz de inspirar a ação criadora, geradora de filhos e filhas, pode, através do culto - com sua ação educadora -, transformar as relações das crianças com Deus e com as pessoas, ampliar a visão de si mesma, olhar e re-interpretar os símbolos, as palavras, os gestos e as pessoas.

Dentro deste universo de saberes, desejos e sujeitos, a proposta deste trabalho não é fazer do culto um recorte na vida da criança, uma vez que em várias comunidades cristãs ela é sempre retirada do culto no momento da pregação, mas sim destacar a criança como participante ativa das celebrações da comunidade de fé. Este trabalho procura também enfocar a criança como sujeito que se constitui e se desenvolve a partir da relação dialética estabelecida entre ela e outras pessoas, em especial a comunidade de fé.

O primeiro capítulo deste trabalho apresenta a tradição bíblico-teológica. Partindo da indagação “quem são as crianças na e da Bíblia?”, mostra as crianças do povo hebreu e sua educação, como elas estavam integradas no culto e participavam das celebrações, uma vez que o culto era espaço de integração, aprendizagem e rememoração, onde se aprendia a conhecer e a amar a Deus.

---

<sup>2</sup> Colégio Episcopal, Carta Pastoral do Colégio Episcopal sobre o Batismo, p. 28-29.

O segundo capítulo destaca as contribuições de Jean Piaget, as quais auxiliam no conhecimento das etapas do desenvolvimento cognitivo da criança. Além disso, apresenta a teoria do desenvolvimento psicossocial da criança de James Fowler e Erik Erikson, que elaboraram enfoques cognitivistas-estruturalistas, os quais foram aplicados ao desenvolvimento religioso na criança e ajudam a entender a relação da criança com o mundo. O desenvolvimento humano é um dos pressupostos indispensáveis na vida do ser humano desde tenra idade, pois este se desenvolve enquanto pertence a um grupo social, a um contexto de relações que desenha o mundo e ensina os primeiros conceitos da vida.

O terceiro capítulo fala sobre a fé e a espiritualidade da criança, sobre a relação entre fé e Deus. A percepção de fé como relação tem início nos primeiros anos de vida, quando o bebê interage com seus pais ou responsáveis e tem plena confiança nos mesmos. O jeito de se viver e o conteúdo da fé se mantêm unidos, fazendo com que a criança cresça sentindo e percebendo a fé em sua vida, em seus estudos e brincadeiras. O desenvolvimento da fé é proporcionado pelo ambiente da comunidade de fé em que a criança vive, razão porque a percepção da fé e espiritualidade pode ser alcançada e vivenciada pelo processo pedagógico que se tem na Bíblia e, sobretudo, na liturgia.

O quarto capítulo, partindo dos estudos sobre a criança do ponto de vista bíblico, do seu desenvolvimento cognitivo e psicossocial e da fé e espiritualidade, desenvolvidos nos três primeiros capítulos, apresenta apontamentos para a inclusão da criança no culto eucarístico. Os apontamentos apresentados justificam a inclusão da criança na liturgia do culto eucarístico, visando contribuir para com o seu crescimento espiritual, interação e permanência na comunidade de fé quando jovem adulto/a.

Ao se incluir as crianças na liturgia, velhas estruturas, idéias e costumes podem ser extintas com esta novidade. A inclusão das crianças na liturgia procura também refutar a idéia de que as crianças não têm fé, razão porque muitas comunidades cristãs não permitiram e não permitem que, ainda hoje, elas celebrem como sujeitos ativos no culto. Estas comunidades esquecem que a criança tem, nas mais variadas fases de seu desenvolvimento, um jeito especial de crer e de experienciar o sagrado.

[...] quem introduz uma liturgia com crianças precisa saber que pode chamuscar suas asas e que sua vida muda (Mc 1.15). Verá que com isto se modifica a fisionomia da comunidade eclesial, que as estruturas são questionadas, e que antes que se dê por isso terá ocorrido uma transformação, a começar por ele

próprio e por sua igreja... Quem quiser introduzir na Igreja uma mensagem para as crianças, descobrirá que esta mensagem derruba tudo: a linguagem, os usos, os ritos, as próprias pessoas. Muita coisa muda quando se começa por aí. Tudo mesmo. É um novo mundo que desponta<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Norbert METTE, *Aprendendo a viver e aprendendo a crer com as crianças*, p. 134-135.

## CAPÍTULO I

### CRIANÇA, FÉ E CULTO NA BIBLIA

Criança, fé e culto na Bíblia verifica como era a vida da criança no contexto sócio-cultural e religioso do mundo bíblico. Ela indica que as crianças estavam sempre presentes nas celebrações e ofertas da família e mostra que, no seu ensino, os israelitas lembravam os eventos significativos de sua história, os quais eram comemorados através de rituais e festas, de tal forma que as crianças eram nutridas na prática da religião. No judaísmo, a sinagoga combinava culto/adoração e educação nos cultos públicos e o seu propósito era ensinar. O ensino da estrutura do culto ainda era centralizado no lar, com os pais adaptando a Torá à capacidade da criança de recebê-la. No Novo Testamento, a criança também tinha lugar no plano salvador de Deus e, ao que tudo indica, nos cultos, as crianças se faziam presentes acompanhando seus pais ou mesmo nos braços de suas mães.

O contexto sócio-cultural e religioso do mundo bíblico apresenta características peculiares. Por essa razão, à pergunta “quem são as crianças na e da Bíblia?”, podemos responder que são filhos e filhas de um povo que tem uma história, sobretudo a história da sua fé, fé no Deus que atua na história. Além disso, as crianças eram também consideradas bênçãos, dádivas concedidas por Deus, herança do Senhor (Sl 127; 128.3-6). A mulher que gerava filhos gozava das bênçãos de Deus. Meninos e meninas significam a continuidade do povo israelita<sup>4</sup>, pois para o Antigo Testamento multiplicar-se é uma ordem da criação (Gn 1.28). Não ter filhos era um grande pesar e um vexame religioso (Gn 15.2; 1 Sm 1.2).

---

<sup>4</sup> Colégio Episcopal, Carta Pastoral do Colégio Episcopal sobre o Batismo, p. 13.

Nos seus filhos, ou seja, na sua descendência, um homem vive<sup>5</sup>. Neste pano de fundo está uma forte afirmação da vida e a alta estima dos descendentes está ancorada na fé em Deus.

Os hebreus receberam instruções específicas sobre o culto e a participação das crianças nas celebrações. A prática do culto foi diversificada ao longo dos muitos anos da história bíblica, já que ela envolve tribos nômades, comunidades estabelecidas na terra e o exílio, ou seja, descreve a história de um povo que esteve face a face com as mais variadas situações. O surgimento da sinagoga trouxe também mudanças significativas, mas os princípios que subjazem ao culto permaneceram marcadamente os mesmos. É necessário, portanto, conhecer alguns dos princípios da vida hebraica<sup>6</sup>, pois nascer num lar hebreu tornava a criança uma aprendiz do culto.

O lar era o centro do culto e os pais eram os primeiros instrutores. A criança aprendia ao estar presente e tomar parte no culto. Questões e respostas eram construídas na celebração – tal instrução era parte do ritual (Ex 12.26; 13.8). Ensinar às crianças diligentemente que Deus é Senhor e que o amor total a Ele é uma resposta apropriada é educar no culto. Esta educação devia permear suas vidas em casa e fora de casa, de manhã e à noite. O reconhecimento do único Deus e o mandamento para amá-Lo era uma lição ensinada deliberadamente e expressada nos rituais de culto durante todo o dia:

Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas<sup>7</sup>. (Dt 6.4-9)

---

<sup>5</sup> Ora, o israelita morre, mas Israel continua. Por essa razão, para que a morte não signifique uma ruptura total das relações entre Israel e os que morrem, importa que estes tenham descendência. Morrer sem ter filhos é uma grande desgraça e um sinal de reprovação de Deus. Aquele que morre sem filhos representa uma família arrancada do mundo dos vivos: o israelita forma uma unidade com a sua família de hoje e de amanhã, um corpo com os seus antepassados e descendentes (Dt 25.5-10). Cf. A. OEPKE, παιδίων κτλ. In: *Theological Dictionary of the New Testament* V, p. 645.

<sup>6</sup> David NG, Virginia THOMAS, *Children in the Worshiping Community*, p. 48ss.

<sup>7</sup> Idem, *ibidem*, p. 49.

A oração era parte natural da vida diária. As estações, as colheitas, a noite e o dia eram lembranças do Criador. Contar histórias, conversas e as atividades diárias lembravam os atos e mandamentos de Deus. Além disso, um dia da semana unia os hebreus no culto e aprendizado. Este dia, o sábado era uma lembrança recorrente do Criador, que descansou no sétimo dia. Era também um sinal de relação especial de Israel com Deus, reforçado por ações concretas e símbolos abundantes. Guardar o sábado envolvia cada membro da família e toda a família compartilhava uma refeição especial depois do pôr do sol da sexta-feira. Os pais abençoavam seus filhos. Dois pães eram colocados numa toalha limpa em memória do maná no deserto. Nenhum trabalho era feito. O sábado era uma experiência de culto e um dia de lembrar porquê eles adoravam e a quem adoravam<sup>8</sup>.

O culto estava enraizado na comunidade da aliança. Os pais aceitavam o mandato de adorar e ensinar, porque faziam parte da comunidade da aliança. Embora as crianças fossem da responsabilidade dos pais, elas eram uma responsabilidade da família da aliança maior. Nascer entre os hebreus era ser parte de um povo que foi criado pelos atos graciosos de Deus e unido numa relação íntima com Ele. Cada criança, sem consideração de sexo, recebia as promessas, a história e as leis que faziam delas um povo especial. A purificação e dedicação que ocorria por ocasião do nascimento de uma criança eram rituais que indicam sua pertença à comunidade<sup>9</sup>.

As crianças cresciam no meio do povo, participando do culto, das festas, enfim dos rituais religiosos e celebrativos. Elas participavam do culto como adoradoras e como aprendizes. As atividades de casa e os festivais procuravam criar curiosidade. Ações e objetos e não palavras ou idéias levavam a criança a fazer perguntas. A educação sobre o culto não precedia o culto, mas tinha lugar no culto<sup>10</sup>, num envolvimento que tinha profundo significado de manutenção da memória e que se evidenciava na formação religiosa deste povo. Para os israelitas, preservar a memória significava preservar a própria vida. Eles tinham consciência do significado e valor dos eventos salvíficos que marcaram a

---

<sup>8</sup> David NG, Virginia THOMAS, *Children in the Worshiping Community*, p. 49.

<sup>9</sup> Idem, *ibidem*, p. 49-50.

<sup>10</sup> Idem, *ibidem*, p. 51.

história de seu povo e que deveriam ser transmitidos às crianças. Nesta lembrança, cada geração renovava na fé a compreensão de si mesma<sup>11</sup>.

Tão logo uma criança aprendia a falar, tinha de decorar o primeiro trecho do Shema e a frase: Moisés nos prescreveu a lei por herança da congregação de Jacó (Dt 33.4). Conforme as determinações deuterônômicas, cada sete anos todo o povo: ‘os homens, as mulheres, os meninos’ tinham de se reunir para uma leitura pública da Torá, ‘para que ouçam e aprendam, e temam ao Senhor vosso Deus, e cuidem de cumprir todas as palavras desta lei; para que seus filhos, que não a souberam, ouçam, e aprendam a temer ao Senhor (...)’ (Dt 31.10-13)<sup>12</sup>.

Elas também não ficavam separadas, aprendiam juntamente com seus pais, em família e, mais tarde, com seus mestres, na sinagoga. Eram crianças que faziam parte da história e aprendiam sua história, a história de seu povo, pois participavam da vida cultural em família e nas reuniões semanais da sinagoga<sup>13</sup>. E sobre Deus elas não aprendiam definições abstratas, mas sim coisas concretas, carregadas de lembranças, de história, de vida e calor, como, por exemplo, o Deus que é louvado e celebrado no Salmo 145.1-7:

Exaltar-te-ei, ó Deus meu e Rei; bendirei o teu nome para todo o sempre. Todos os dias te bendirei e louvarei o teu nome para todo o sempre. Grande é o SENHOR e mui digno de ser louvado; a sua grandeza é insondável. Uma geração louvará a outra geração as tuas obras e anunciará os teus poderosos feitos. Meditarei no glorioso esplendor da tua majestade e nas tuas maravilhas. Falar-se-á do poder dos teus feitos tremendos, e contarei a tua grandeza. Divulgarão a memória de tua muita bondade e com júbilo celebrarão a tua justiça.

As crianças também conheciam a mais antiga história de Israel, que era a promessa da terra feita por Deus a Abraão e seus descendentes (Gn 12 e 15), a qual foi

---

<sup>11</sup> Gerhard VON RAD, *Teologia do Antigo Testamento*, p. 300-301.

<sup>12</sup> Hans R. WEBER, *Jesus e as crianças*, p. 40.

<sup>13</sup> Reginaldo VELOSO, *Os filhos dos hebreus: ensaio sobre a experiência de fé das crianças no tempo e na terra de Jesus*, p. 16-19.

retomada na primeira aparição de Moisés<sup>14</sup>. Elas eram, assim, educadas segundo a pedagogia do Salmo 78.1-7<sup>15</sup>:

Escutai, povo meu, a minha lei; prestai ouvidos às palavras da minha boca. Abrirei os lábios em parábolas e publicarei enigmas dos tempos antigos. O que ouvimos e aprendemos, o que nos contaram nossos pais, não o encobriremos a seus filhos; contaremos à vindoura geração os louvores do Senhor, e o seu poder, e as maravilhas que fez. Ele estabeleceu um testemunho em Jacó, e instituiu uma lei em Israel, e ordenou a nossos pais que os transmitissem a seus filhos, a fim de que a nova geração os conhecesse, filhos que ainda hão de nascer se levantassem e por sua vez os referissem aos seus descendentes; para que pusessem em Deus a sua confiança e não se esquecessem dos feitos de Deus, mas lhe observassem os mandamentos.

Crianças criadas num ambiente em que as coisas são permanentemente recordadas, educadas nesta escola de fé e esperança, acostumadas desde pequenas a escutar os profetas e recitar os Salmos, sentindo-se participantes da história de Deus, permanecerão nesta fé e na comunidade<sup>16</sup>. Nesse sentido, aprendiam três coisas importantes de seus pais<sup>17</sup>:

- ❑ que Deus é um Deus sensível e atento aos sofrimentos dos oprimidos;
- ❑ que Deus está efetivamente comprometido com a libertação dos oprimidos;
- ❑ que Deus promete aos oprimidos uma vida feliz, numa terra nova.

Os pais conversavam e também instruíam as crianças sobre os rituais e símbolos religiosos, os quais as ajudavam a entender a história de seu povo. Elas estavam presentes nas ofertas das famílias (1 Sm 1.4), sendo, assim, nutridas na prática da religião. Elas recebiam também instrução planejada complementar, a qual, numa primeira instância,

---

<sup>14</sup> Reginaldo VELOSO, *Os filhos dos hebreus: ensaio sobre a experiência de fé das crianças no tempo e na terra de Jesus*, p. 20-21.

<sup>15</sup> Idem, *ibidem*, p. 16.

<sup>16</sup> Idem, *ibidem*, p. 23.

<sup>17</sup> Idem, *ibidem*, p. 16-17.

era uma instrução nos fundamentos históricos da religião de Javé (Dt 4.9), nas exigências de Javé (Dt 11.10) e, finalmente, na sabedoria prática religiosa e moral (Pv 4.1ss.)<sup>18</sup>.

As crianças eram, assim, valorizadas e deveriam ser instruídas e disciplinadas no temor do Senhor, começando na sua casa. O culto, através da rememoração, conduzia à obediência no presente. Aprendendo e participando na vida da comunidade, conheciam e amavam a Deus. Reconhecer e amar a Deus era expressado no amor ao próximo: “Não perverterás o direito do estrangeiro e do órfão; nem tomarás em penhor a roupa da viúva.” (Dt 24:17) Uma vida de culto era uma vida de conduta ética e, nesse sentido, celebrar a história dos atos salvadores de Deus não deixava de lado a questão social.

No judaísmo, especialmente depois da destruição do templo, ocorreu uma mudança de ênfase do culto para o conhecimento e prática da Torá, envolvendo uma diferenciação maior entre meninos e meninas. Somente o homem é obrigado a guardar a Torá em sua totalidade e, assim, justifica-se que somente ele pode aprendê-la. Na puberdade um menino judeu fazia o *bar mitzvah*, como Jesus, que aos doze anos foi ao templo (Lucas 2.41-52), mas sua instrução e prática começava muito antes. Joshua b. Gamla (cerca de 63-65) ordenou que deveria haver mestres em toda província e cidade e que os meninos da idade de 6 e 7 anos deveriam ser levados a eles. Isto era, entretanto, uma provisão de emergência, porque a educação religiosa dada pelos pais estava se tornando deficitária. Esta educação durava, normalmente, 13 anos, de modo que ela começava bem cedo, e suas exigências e a escrupulosidade na observância legal requeridas, deixam claro que a criança pertencia desde o seu nascimento à comunidade<sup>19</sup>.

A sinagoga combinava culto/adoração e educação nos cultos públicos. O propósito da sinagoga era ensinar. Quando completavam três anos, as crianças começavam a memorizar partes da Torá, primeiramente as bênçãos, de modo que elas pudessem contribuir com o culto em casa. Mais tarde, os meninos deveriam participar das três festas que ocorriam anualmente em Jerusalém. Mesmo quando ainda menor, um menino podia ler a Torá e interpretá-la na sinagoga. Na idade de quatro anos, as crianças acompanhavam os pais à sinagoga. O ensino da estrutura do culto ainda era centralizado no lar, com os pais adaptando a Torá à capacidade da criança de recebê-la. Assim, a instrução na reunião

---

<sup>18</sup> A. OEPKE, *Theological Dictionary of the New Testament* V, p. 647.

<sup>19</sup> Idem, *ibidem*, p. 648.

pública era acrescentada à educação no lar e o sábado tornou-se um tempo para a comunidade e a família reunirem-se. Adultos e crianças aprendiam juntos<sup>20</sup>.

Jesus adota a crença do Antigo Testamento em Deus e, portanto, seu conhecimento do criador e sua relação com a existência humana. Assim, Ele santifica o amor aos pais (Mt 5.36) e faz uma alta avaliação da criança, a qual, por aquele tempo, não era estimada entre o seu povo (Mt 18.2; Mc 10.13-16). Jesus se refere ao fato de que as crianças são modestas quando comparadas com os adultos (Mt 18.2; 19.3ss) e sua imaturidade e necessidade de assistência deixa aberto o caminho para o amor paternal de Deus<sup>21</sup>.

A comunidade cristã que nos transmitiu as narrativas de infância e o relato da bênção das crianças por Jesus também compreendia de forma orgânica a inter-relação entre as gerações. A criança tem lugar no plano salvador de Deus e a atitude de Jesus para com elas pode ser explicada deste ponto de vista. Apesar de que não eram contadas como membros da comunidade, elas participavam dos eventos cruciais da vida da comunidade (At 21.5) e, pelo menos, quando alcançavam os anos de discernimento, estavam presentes nos seus cultos (At 20.9.12; Cl 3.20; Ef 6.1-3). As cartas pastorais falam da fé e conduta que os filhos e filhas dos líderes na comunidade deveriam ter (1 Tm 3.4; 5.4; Tito 1.6)<sup>22</sup>.

Na tradição bíblica, portanto, a relação da criança com a religião é muito íntima. No culto israelita, adultos e crianças enriqueciam um ao outro. Qualquer pessoa que ensina aprende. A fé da aliança requeria dos pais explicar os rituais do culto como eles ocorriam. Era a re-educação adulta na sua forma mais prática. Um ritual que deveria ser constantemente reinterpretado não poderia ser sem sentido e, como os pais contavam a história aos filhos e filhas, ele era renovado em sua vida bem como na vida da criança<sup>23</sup>. Assim, a exigência de adorar parece ter sido um questionamento tanto da criança quanto do pai para uma adoração com entendimento. Nesta experiência o pai educava a criança e a criança fortalecia o pai. Neste culto, no qual era central o Deus da história de sua comunidade e o Senhor que agia diariamente, o aprender era essencial e os

---

<sup>20</sup> David NG, Virginia THOMAS, *Children in the Worshiping Community*, p. 52.

<sup>21</sup> A. OEPKE, *Theological Dictionary of the New Testament* V, p. 649.

<sup>22</sup> Idem, *ibidem*, p. 650.

<sup>23</sup> David NG, Virginia THOMAS, *Children in the Worshiping Community*, p. 51.

relacionamentos eram desenvolvidos. A criança apreendia sua identidade e a conduta que expressava aquela identidade<sup>24</sup>.

---

<sup>24</sup> David NG, Virginia THOMAS, *Children in the Worshiping Community*, p. 51.

## CAPITULO II

### DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E PSICOSSOCIAL NA CRIANÇA

#### 2.1- Introdução

O desenvolvimento humano é um dos pressupostos indispensáveis na vida das pessoas desde a tenra idade. O ser humano desenvolve-se enquanto pertence a um grupo social, a um contexto de relações que desenha o mundo e ensina os primeiros conceitos da vida e, juntamente com o desenvolvimento de uma criança, a fé está também incluída na história do desenvolvimento humano. A igreja, enquanto comunidade de fé, tem o desafio de reformular sua prática cultural como espaço de crescimento espiritual no sentido de gerar na vida das crianças um pólo de encontro de solidariedade e maturidade. A liturgia e a fé são esferas que dão sentido à vida humana e a igreja deve saber realizar e inserir todos/as na sua prática.

Na comunidade de fé deve existir um espaço aberto às desventuras e às oportunidades de novas maneiras de crescimento da criança, já que elas possuem características próprias dentro do seu desenvolvimento cognitivo e psicossocial. É necessário, portanto, saber como se dá o desenvolvimento cognitivo e psicossocial da criança. Existe uma relação estreita entre a teoria do desenvolvimento cognitivo de Jean Piaget e a teoria do desenvolvimento humano e psicossocial de Erik Erikson e James Fowler, as quais apresentaremos a seguir.

## 2.2- Desenvolvimento cognitivo

A figura que mais se destaca nos estudos do desenvolvimento cognitivo é Jean Piaget, biólogo e filósofo suíço. Piaget dedicou-se ao estudo do desenvolvimento cognitivo da criança, principalmente no que tange à inteligência e à aquisição do conhecimento. Com seu estudo influencia as teorias de desenvolvimento e deixa uma contribuição valiosa. Ele nos ensina que as estruturas cognitivas se desenvolvem através de estágios, desde o nascimento até a adolescência. Sua teoria cognitiva é entendida como teoria estruturalista da interação, que aponta para a inter-relação entre a criança e o ambiente (social), o qual é a base da inteligência e têm um caráter dinâmico. Piaget combina a idéia de processos de amadurecimento biopsíquicos, comandados geneticamente, com a idéia de que o mundo exterior é constitutivo para o desenvolvimento<sup>25</sup>. A partir destes estudos, ele formula a teoria dos estágios do desenvolvimento da inteligência, que são fixos, podendo ser vivenciados em cronologias diferenciadas, pois estão diretamente ligados à interação com o ambiente.

Segundo Piaget<sup>26</sup>, no primeiro estágio que é o sensório motor, a criança vislumbra o mundo através da percepção sensorial e atividades motoras, que é a fase do egocentrismo ou do finalismo<sup>27</sup>. Ela está voltada a princípio mais para si do que para o que está ao seu redor, isto porque ela não tem consciência do mundo além de si. O bebê traz consigo reflexos que o ajudarão no processo de desenvolvimento cognitivo do mundo, como sugar, agarrar, além dos movimentos motores:

De fato, a indiferenciação e a centração das ações primitivas importam ambas em um terceiro aspecto que lhes é geral: elas ainda não estão coordenadas entre si, e constituem, cada uma, um pequeno todo isolável que liga diretamente o corpo próprio ao objeto (sugar, olhar, segurar, etc). Daí decorre uma falta de diferenciação, pois o sujeito não se afirmará em seguida a não ser coordenando livremente suas ações, e o objeto não se constituirá a não ser se sujeitando ou em um sistema coerente. Por outro lado, como cada ação forma ainda um todo isolável, sua única referência comum e constante só pode ser o corpo próprio, donde há uma centração automática sobre ele, embora não desejada nem consciente.<sup>28</sup>

---

<sup>25</sup> Hans-Jürgen FRASS, *A religiosidade humana: compêndio de psicologia da religião*, p. 55.

<sup>26</sup> Idem, *ibidem*, p. 56.

<sup>27</sup> Idem, *ibidem*, A criança registra o ambiente apenas na medida e na forma em que ele se deixa apreender pela capacidade cognitiva.

<sup>28</sup> Jean PIAGET, *Epistemologia Genética*, p. 16.

Até os 2 anos, a criança desenvolve a noção de permanência do objeto que é inseparável da distinção de si e da realidade externa.

No estágio chamado pré-operacional, que vai dos 2 aos 7 anos aproximadamente, a linguagem é uma transformação muito importante para a vida da criança em seu relacionamento com as coisas, com as pessoas e consigo mesma<sup>29</sup>. Essa fase é decisiva no desenvolvimento da criança. A criança vivencia um tipo de pensamento egocêntrico dentro da chamada onipotência mágica, e o seu egocentrismo a faz pensar que o mundo vive em função de si, um fato que é visualizado na sua incapacidade de colocar-se no lugar de outra pessoa<sup>30</sup>. A criança acredita que qualquer coisa ou objeto tem vida como ela mesma tem.

Segundo Piaget, é na ação que surge e se alimenta o pensamento, pois a ação da criança é tributária, em quase todos os domínios, da ação do adulto, já que dela depende e nela se inspira<sup>31</sup>. Além disso, a criança poderá distinguir o que permanece constante em meio à mutabilidade da realidade externa, formando um sistema de representação do mundo.

Vimos esse tipo de busca intuitiva da verdade nos vários estágios de indecisão e desequilíbrio que examinamos, quer na compreensão das normas ou dos sonhos pela criança, quer em seu entendimento dos experimentos de conservação. Sempre notamos num período transicional, no qual a criança não tem a certeza se a salsicha de argila é ou não do mesmo tamanho que a bola, se as regras vem de Deus ou são decididas pelos homens, se os nomes são parte integrantes da identidade ou se são dados pelos pais. Por vezes, a criança acerta pelos motivos errados, e por vezes erra pelas razões corretas, porque está no caminho certo em direção ao raciocínio lógico, mesmo que sua compreensão ainda seja incompleta, apenas semilógica.<sup>32</sup>

No estágio das operações concretas, que vai dos 7 aos 11 anos, a criança tem a capacidade de um raciocínio lógico. A criança se torna capaz de estabelecer relações racionais de causa e efeito e, por conseguinte, pode considerar uma situação hipotética e raciocinar dedutivamente<sup>33</sup>. É a fase que caracteriza-se pela capacidade de raciocinar

---

<sup>29</sup> J.M. POHIER, *Psicologia da Inteligência e psicologia da fé: o sistema de Piaget aplicado à fé*, p. 36.

<sup>30</sup> Idem, *ibidem*, p. 36-40.

<sup>31</sup> Idem, *ibidem*, p. 42.

<sup>32</sup> M.A.S. PULASKI, *Compreendendo Piaget – Uma introdução ao desenvolvimento cognitivo da criança*, p. 64.

<sup>33</sup> J.M. POHIER, *Psicologia da Inteligência e psicologia da fé: o sistema de Piaget aplicado à fé*, p. 43-44.

logicamente, organizar os pensamentos em estruturas coerentes e totais e dispô-los em relações hierárquicas ou sequenciais<sup>34</sup>.

Piaget também abordou a fase das operações formais, ou seja, o nível mais alto do desenvolvimento cognitivo, que compreende a idade acima de 12 anos. Nesse período, a criança/adolescente não se limita a representações imediatas, nem somente às relações previamente existentes, mas as representações permitem a abstração total, imaginar possibilidades, testar hipóteses e formar teorias, já que “a primeira característica das operações formais é a de poder recair sobre hipóteses e não mais apenas sobre objetos”<sup>35</sup>. As operações formais são operações puras e simples, mas aplicadas a hipóteses ou proposições<sup>36</sup>.

Piaget estudou o desenvolvimento em vários outros aspectos da personalidade, em relação à inteligência e ao pensamento, como visão mundo, conceito de realidade, moral, imaginação e afetividade. As suas contribuições são relevantes e, apoiados em seus estudos, outros enfoques cognitivistas-estruturalistas foram aplicados ao desenvolvimento religioso por Erik Erikson e James Fowler.

### 2.3- Desenvolvimento psicossocial

Erik Erikson destaca que o desenvolvimento é um desafio constante para o ser humano, quando se pode considerar cada estágio como indispensável para a formação da identidade e totalidade da vida. Há uma interpelação entre os estágios, cada um é uma espécie de matriz para o outro. Nesse sentido, as chamadas virtudes básicas da teoria eriksoniana estão conectadas com o objetivo de cada etapa, sendo um destaque central no desenvolvimento, onde cada etapa está relacionada com todas as dimensões do ser humano (biológica, individual e social, os três principais aspectos da vida humana). A partir destes três aspectos, Erikson formulou sua teoria dos estágios do desenvolvimento, o qual norteia o ciclo da vida humana desde o nascimento até a velhice.

---

<sup>34</sup> Erik ERIKSON, *Infância e Sociedade*, p. 45-46.

<sup>35</sup> Jean PIAGET, *Epistemologia Genética*, p. 48.

<sup>36</sup> J.M. POHIER, op. cit., p. 48.

confiança básica *versus* desconfiança básica: impulso e *esperança*;  
 autonomia *versus* vergonha e dúvida: autocontrole e *força de vontade*; iniciativa  
*versus* culpa: direção e *propósito*;  
 indústria *versus* inferioridade: método e *capacidade*;  
 identidade *versus* confusão de papel: devoção e *fidelidade*;  
 intimidade *versus* isolamento: filiação e *amor*;  
 generatividade *versus* estagnação: produção e *cuidado*;  
 integridade do ego *versus* desesperança: renúncia e *sabedoria*.<sup>37</sup>

Para Erikson, a relação com o mundo, para a criança de 4 à 5 anos, está na iniciativa *versus* culpa, que dá continuidade à desvinculação da criança dos pais, sendo que as diferenciações na sua maneira de ver o mundo vão aumentando. A criança parece não encarar seu físico separado de si mesma como um apêndice, devido ao gosto pelas atividades e a grande movimentação com intensos estímulos. Na verdade, ela irá explorar, expandir seu mundo e testar os *papéis dos adultos*<sup>38</sup>.

Quais são, pois, os critérios para um ininterrupto sentimento de iniciativa? Os critérios para o desenvolvimento de todos os sentidos ou sentimentos aqui examinados são idênticos: uma crise, assediada por alguma nova alienação, é resolvida de tal maneira que a criança parece, de súbito, ser mais ela própria, mais afetuosa, mais descontráida e mais brilhante em seus juízos [...]. Sobretudo, ela parece estar mais ativada e ser mais ativante, está na livre posse de um certo excedente de energia que lhe permite esquecer muitas falhas bastante depressa e abordar novas áreas que lhe parecem desejáveis, mesmo que também lhe pareçam perigosas, com um ímpeto incoercível e um maior sentido de direção.<sup>39</sup>

Já aos 6 anos, a criança descobre a escola e irá até a mesma. Seu interesse estará concentrado para fora de sua casa. A sua curiosidade se voltará para o aspecto tecnológico de sua própria cultura. A aprendizagem e o conhecimento, portanto, lhe serão indispensáveis. De acordo com seu núcleo cultural, receberá os instrumentos para o seu crescimento, desenvolverá suas habilidades com outras crianças, ligando-se também aos professores.

---

<sup>37</sup> Erik ERIKSON, *Infância e Sociedade*, p. 253. As palavras em itálico são denominadas virtudes básicas porque sem elas e sua reemergência de geração a geração, todos os outros mais inconstantes sistemas de valores humanos perdem seu espírito e sua pertinência.

<sup>38</sup> Idem, *Identidade, Juventude e Crise*, p. 116.

<sup>39</sup> Idem, *ibidem*.

Ao se aproximar o período de latência, a criança normalmente desenvolvida esquece, ou melhor, sublima a necessidade de “fazer” gente por ataque direto ou de se tornar às pressas papai e mamãe, aprende agora a conquistar consideração produzindo coisas. Dominou a área ambulatória e os modos orgânicos. Ensaçou um juízo de finalidade sobre a realidade de que não há um futuro viável no seio da família, e assim se prepara para dedicar-se a habilidade e tarefas que excedem de muito os limites de mera expressão de seus modos orgânicos ou o prazer que lhe causa o funcionamento de seus membros. Desenvolve um sentido de indústria, isto é, ajusta-se às leis inorgânicas do mundo das ferramentas.<sup>40</sup>

A percepção está centrada na construção de um futuro que capacite e prepare a vida familiar. Desenvolve a noção de trabalho e sua importância para a realização de seus objetivos, sendo a inferioridade um dos perigos desta fase.

Entre 7 e 11 temos o período em que o indivíduo recapitula o seu passado ao mesmo tempo em que antecipa o futuro, que é uma forma saudável, devendo ser encarado como uma grande oportunidade para o desenvolvimento da competência. Não deve ser encarado como um estágio-problema, como um fator indispensável na formação da sua identidade. É nesta fase que o adolescente vive outros estágios parciais que se relacionam intimamente com todo o processo vital (infância à velhice) e, depois de ter vivido toda a infância e suas características peculiares (em cada estágio), chega o momento de reconduzir o que foi organizado anteriormente para a vida adulta. Há uma fusão do sentimento de auto-estima com o sentimento de produtividade e sua contribuição para a sociedade terá grande relevância.

Eles se mostram morbidamente, por vezes curiosamente, quase sempre preocupados com o que possam parecer aos olhos dos outros, em comparação com o que eles próprios julgam-se, e com a questão de como associar os papéis e aptidões cultivados anteriormente aos protótipos ideais do dia [...] Eles precisam de uma moratória para a integração dos elementos de identidade [...]; só que agora, uma unidade mais vasta, indefinida em seu contornos e, no entanto, imediata em suas exigências, substitui o meio infantil: a sociedade. Uma recapitulação desses elementos é também uma lista de problemas adolescentes.<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup> Erik ERIKSON. *Infância e sociedade*, p. 238.

<sup>41</sup> Idem, *Identidade, Juventude e Crise*, p. 129.

Assim, para Erikson o período da adolescência caminha em três ênfases no seu desenvolvimento: ser como nenhuma pessoa, diferente de algumas pessoas e como algumas pessoas. A fidelidade é a virtude deste estágio, pois é fruto de uma crise saudável, uma virtude que está relacionada com a transição da fé adquirida na infância para uma fé madura na idade adulta.

James Fowler, por sua vez, fez seus estudos a partir dos teóricos do desenvolvimento, destacando que o desenvolvimento humano é uma variável indispensável dentro de uma análise estrutural da fé. De forma mediadora, associa princípios psicossociais (Erikson e outros) com as teorias cognitivas (Piaget) e descreve uma seqüência de estilos de fé, ligados entre si em forma de estágios por um processo evolutivo, distinguidos em 7 estágios<sup>42</sup>:

1- Uma fé indiferenciada enquanto disposição de confiança anterior ao da fala, que representa uma diferenciação em contraposição ao conceito de consciência;

2- A fé intuitivo-projetiva da primeira infância concomitante ao domínio da fala e ao surgimento do pensamento imaginativo, já que se orienta por imagens da fantasia;

3- A fé mítico-literal, no período da infância e adolescência, questiona a própria fé da primeira infância com base nos ensinamentos da pessoa de referência em sua vida;

4- A fé sintético-convencional, que na juventude constitui a tentativa de uma visão de convicção e valorização, onde se torna possível refletir sobre a própria história;

5- A fé individuativo-reflexiva, da primeira fase da idade adulta, que elabora uma crítica de suas próprias convicções e que se entende a si mesma juntamente com outros como parte de um sistema social;

6- A fé conjuntiva da meia idade, que abarca polaridades e cria a necessidade de interpretações diferenciadas da realidade (símbolo e história, metáfora e mito);

7- A fé universalizante (universal), que transcendendo paradoxos, vê o ser humano enraizado na unidade com o poder do ser.

---

<sup>42</sup> Hans-Jürgen FRASS, *A religiosidade humana: compêndio de psicologia da religião*, p. 61ss.

Assim, os fundamentos de Fowler estão voltados para as relações que o ser humano estabelece, nas quais se busca enraizar seu sentido de vida através das interações simbólicas da fé de outros. Fowler visualiza a fé de uma forma próxima do sentido de existência, sendo mais do que simplesmente crença em Deus e, para ele, a relação do ser humano com o divino inclui as contradições, fraquezas, capacidades e riquezas humanas, apresentando formas de crer qualitativamente distintas. Fowler fala da fé comunitária como indispensável para a criança, para que não haja um tipo de fé patológico. E esta fé comunitária é essencial para a formação de um estilo de vida que saberá relacionar-se com o coletivo de forma pessoal, não num individualismo que esquece do outro, mas como pessoa que terá equilíbrio tal que consiga crescer na sua perspectiva social, conscientemente, em relação aos sistemas e instituições.

As questões da autêntica individualidade do eu vem ao primeiro plano e, com elas, perguntas sobre a verdade dos valores e aparência que alguém tem. (...) A autoridade, antes situada externamente, tem que ser colocada agora dentro do eu. Este estágio não é individualista, nele a pertença à comunidade é escolhida ou reafirmada, ao invés de ser apenas assunto hereditário<sup>43</sup>.

Segundo Fowler, toda a relação que a criança ainda bebê mantinha com a mãe, ou quem lhe dispensasse cuidados, era feita com plena confiança. Certamente ela aguarda de seus pais ou responsáveis proteção e segurança, principalmente nos primeiros nove meses de vida, onde sua dependência é maior. Por isso, pode-se dizer que as primeiras imagens de Deus começam a ser formadas no início de vida da crianças e são reafirmados no decorrer de seu crescimento.

É destacada abaixo uma tabela comparativa dos estágios de desenvolvimento dos teóricos Piaget, Erikson e Fowler, com o intento de uma visualização das teorias em conjunto, ressaltando que a apresentação dos estágios não apresenta uma rigidez cronológica.

---

<sup>43</sup> James FOWLER. Teologia e Psicologia no estudo do desenvolvimento da fé, p. 117.

<b>Estágios Cognitivos de Piaget</b>	<b>Estágios Psicossociais de Erikson</b>	<b>Estágios de Fé de Fowler</b>
Estágio sensório motor	Confiança versus desconfiança	Fé indiferenciada (lactância)
Estágio pré operacional	Autonomia versus Vergonha e Dúvida	Intuitivo – Projetiva (Primeira Infância).
	Iniciativa versus Culpa	Fé Mítico Literal (Anos Escolares).
Estágio das operações concretas	Industria versus Inferioridade	
		Fé Sintético Convencional (Adolescência)
Estágio das operações formais	Identidade versus Confusão de Papéis	
	Intimidade versus Isolamento	Fé Individuativo Reflexiva (Início da fase adulta)
	Generatividade versus Estagnação	
	Integridade versus Desesperança	Fé Conjuntiva (Meia Idade e depois) Fé Universalizante

A teoria de Piaget, portanto, nos auxilia no conhecimento das etapas do desenvolvimento cognitivo da criança. As teorias do desenvolvimento psicossocial da criança de Erikson e Fowler nos auxiliam a entender a relação da criança com o mundo, permitindo uma melhor compreensão e aceitação da participação plena das crianças em nossas celebrações litúrgicas. Devemos ter em mente as contribuições destes três pensadores para nos aproximarmos das crianças com a temática litúrgica.

## CAPÍTULO III

### FÉ E ESPIRITUALIDADE

#### 3.1- Introdução

A percepção de fé como relação inicia-se nos primeiros anos de vida, quando o bebê interage com seus pais ou responsáveis e tem plena confiança nos mesmos. A forma de vida e o conteúdo de fé se mantêm unidos, fazendo com que a criança cresça sentindo e percebendo a fé em sua vida, nos seus estudos e brincadeiras, já que “o ser humano é uno e a tarefa a realizar é manter esta unidade”<sup>44</sup>. Por isso, a percepção da fé pode ser alcançada e vivenciada pelo processo pedagógico que se tem na Bíblia e sobretudo na liturgia.

Esta tradição permaneceu viva e é posta em prática diariamente nas escolas judaicas e árabes, onde os alunos estudam movimentando-se e o balancear rítmico do corpo é considerado favorável ao esforço intelectual. A tradição bíblica permaneceu viva ainda em outro lugar, na liturgia. A tradição bíblica exige movimento; quer que o deslocamento do corpo no espaço seja simultâneo, e não alternado, com o esforço psíquico do recolhimento, diferindo essencialmente da rotina escolar, ligada ao regime de alternância da atividade mental com a atividade muscular.<sup>45</sup>

A percepção da fé na criança de 4 a 11 anos de idade, acontece no vivenciar a liturgia, que cria comunhão (povo de Israel, povo de Deus, comunidade cristã). A prática de fé transmitida na comunhão leva a determinados padrões de comportamento e atitudes, costumes e hábitos. A fé adquire consciência de si na esfera da prática de vida individual

---

<sup>44</sup> Luiz Eduardo Pinheiro BARONTO, Laboratório litúrgico: pela inteireza do ser na vivencia ritual, p. 65.

<sup>45</sup> Idem, ibidem, p. 64.

ou comunitária, onde toma forma, expressão e consequência. Na medida em que as crianças vão crescendo, terão a percepção de fé em suas vidas. A liturgia possui uma importância fundamental para a percepção e formação das pessoas, em especial as crianças, porque na liturgia do culto elas percebem (o que varia no perceber, é a forma de interpretar) a manifestação de vida em alto grau de expressão de sua identidade.

A teoria do desenvolvimento da fé (aspecto espiritual), portanto, não envolve compulsoriamente o vínculo institucional. Todas as pessoas têm um tipo de fé, mas a fé não é sempre religiosa em seu conteúdo ou contexto. Fazer essas perguntas seriamente a nós mesmos ou a outros não significa necessariamente fazer surgir respostas a respeito de crença ou comprometimento religioso. A fé é o modo em que uma pessoa ou um grupo penetra no campo de força da vida. É o nosso modo de achar coerência nas múltiplas forças e relações que constituem a nossa vida e de dar sentido a elas. A fé é o modo pelo qual uma pessoa vê a si mesma em relação aos outros, sobre um pano de fundo de significados e propósitos partilhados<sup>46</sup>.

Lembrando-se de que a fé é dinâmica, desenvolve-se, fortalece-se, cresce, modifica-se e estabelece-se, é preciso considerar como fomentar o crescimento espiritual às crianças, dando-lhes alimento apropriado, Palavra de Deus, Evangelho real e visível na vivência diária e celebrativa de nossas liturgias, fazendo com que sua fé se desenvolva e sua vida tenha pleno sentido no experienciar o sagrado desde a tenra idade.

### 3.2- Fé e espiritualidade

Partindo-se do princípio de que ninguém nasce cristão, mas que a pessoa se torna cristã<sup>47</sup>, bem como das teorias cognitivas e do desenvolvimento humano, percebe-se a necessidade de inclusão da criança na liturgia, já que esta participação a ajudará no processo de desenvolvimento de sua fé e espiritualidade. É no desenvolvimento humano que se encontra a fé e a fé está presente na vida das pessoas desde que elas começam a se relacionar com o mundo. A igreja não é uma instituição qualquer, mas um lugar

---

<sup>46</sup> James FOWLER, *Estágios da Fé*, p. 151.

<sup>47</sup> James WHITE, *Introdução ao Culto Cristão*, p. 153.

proeminente em que Deus e o ser humano podem se encontrar. Vale dizer que o coração da Igreja é a celebração da liturgia, onde o ser humano se coloca diante do seu Deus, que quer o seu bem e lhe aponta o caminho da salvação. Neste sentido liturgia é vida, e não um ritual desgastado que tenha que ser cumprido, é vida verdadeira com Cristo na Igreja, vida que ela pode transmitir e dar a quem participa da celebração. Sendo assim, a experiência como o sagrado deve iniciar-se desde a tenra idade, pois a pessoa se torna cristã ao passar a fazer parte de uma comunidade com um modo de vida distintivo, o qual implica compromissos definidos em termos de ética e de credo e que se desenvolvem no decorrer da sua vida de fé<sup>48</sup>.

É correto e necessário integrar crianças na organização do culto, da liturgia, não só para que possam participar, mas para que possam ser verdadeiramente co-celebrantes, permitindo que elas experimentem o que significa fé e espiritualidade, já que nesta faixa etária delimitada o desejo das crianças é compreender a si mesma e ao mundo.

Pode-se dizer que há um vínculo entre o desenvolvimento humano e fé. As teorias descritas no capítulo anterior expuseram que a fé está presente na vida do ser humano desde que este começa a se relacionar com outras pessoas, com o mundo. No desenvolvimento humano encontra-se a fé humana, e os estágios de fé, descritos por Fowler, destacam que a fé e a espiritualidade nas crianças apresentam marcas importantes na sua vida e no seu desenvolvimento, pois a fé fomenta as imagens de Deus, o que elas pensam e o que sentem sobre a fé<sup>49</sup>.

Para Erikson, a fé e espiritualidade são norteadas pela crise nesta faixa etária. Este é um de seus conceitos mais importantes, já que ele define crise como uma oportunidade para o desenvolvimento sadio, visualiza a crise como um potencial para o crescimento, pois só se cresce quando se tem crise<sup>50</sup>. Sendo assim, o desenvolvimento é um desafio constante para o ser humano, em especial para as crianças, quando se pode considerar cada estágio como indispensável para a formação da identidade e totalidade da vida. Há uma inter-relação entre os estágios, cada um é uma espécie de matriz para o

---

<sup>48</sup> James WHITE, *Introdução ao Culto Cristão*, p. 153.

<sup>49</sup> Blanches de PAULA, *Fé e Desenvolvimento Humano: um estudo sobre a contribuição da teoria de James Fowler para a vida de pastores/as*, p. 72.

<sup>50</sup> Idem, *ibidem*, p. 16.

outro<sup>51</sup>. Além disso, o fato de Piaget ver nos seus estudos sobre o desenvolvimento cognitivo da criança uma explicação para a existência humana<sup>52</sup>, é relevante apontar para a visão piagetiana do princípio do conhecimento que parte da interação pessoa-ambiente.

Os elementos destacados pelos autores acima citados, são como fios que vão se juntando a um a um, entrelaçados, a fim de compor um tecido maior capaz de fornecer, através de diferentes matizes e diferentes texturas, uma visão do todo que compõe o ser humano e sua fé, em especial as crianças.

O potencial de fé pode ou não ser desenvolvido, tanto pela criança como pelo adulto, já que o desenvolvimento da fé é proporcionado pelo desenvolvimento proporcionado pelo ambiente da comunidade em que se vive, pois

[...] em primeiro lugar, uma árvore com um anel é tão árvore como uma com quatro. Uma árvore em seu primeiro ano está completa e plena, e uma árvore com três anéis não é melhor senão que é apenas uma árvore maior. De maneira similar, um tipo de fé não é melhor nem maior que outro [...] Um ser procura atuar na comunidade com outros seres que têm fé e desta maneira desenvolver novos tipos de fé, não para possuir uma fé melhor ou maior, senão para completar o próprio potencial de fé [...] Em segundo lugar, uma árvore cresce se lhe é proporcionado um ambiente apropriado, [...] De maneira similar, nos estendemos de um tipo de fé a outro só se contamos com o ambiente, as experiências e as interações adequadas. [...] evidentemente que nenhum tipo de fé é próprio de uma idade em particular, e todos podem estender-se a um novo tipo sempre que estejam presentes as interações adequadas com outras almas fiéis<sup>53</sup>.

Assim, é possível inferir que uma criança tem em si o potencial para se desenvolver plenamente em todas as áreas de sua vida, e sua participação efetiva, no seu ambiente social e comunitário (no caso nas celebrações litúrgicas da comunidade), propiciará tal desenvolvimento. Não há uma fé melhor que a outra, mas sim, há um potencial em cada ser humano que deve ser buscado e desenvolvido, possibilitando que cada pessoa se estenda de um tipo de fé a outro. É importante ressaltar que o que caracteriza o tipo de fé da criança não é a qualidade inferior da sua fé quando comparada

---

<sup>51</sup> Blanches de PAULA, *Fé e Desenvolvimento Humano: um estudo sobre a contribuição da teoria de James Fowler para a vida de pastores/as*, p. 16.

<sup>52</sup> B. LEITE, *Piaget e a escola de Genebra*, p. 15.

<sup>53</sup> J. H. WESTERHOFF, *Tendrán fe nuestros hijos?*, p. 73-74. Traduzido por Odete Liber de Almeida.

com a fé encontrada no adulto, mas as características próprias do desenvolvimento infantil que influenciam e determinam sua percepção no campo religioso. O que se espera é que ela possa desenvolver-se em todas as áreas de sua vida, para isso sendo necessário um ambiente favorável ao seu crescimento e desenvolvimento de sua fé<sup>54</sup>. Pode-se dizer que fé e espiritualidade fazem parte de um processo que se estende enquanto existir vida humana.

### 3.3- Fé e Deus

A fé é um dom e o ambiente familiar e o meio social em que se vive contribuem para o despertar e o desenvolver da fé. A fé nasce e evolui. Assim, até os 3 anos a criança prepara-se para despertar para Deus, observando atitudes e os exemplos de fé. Aos poucos, com os estímulos<sup>55</sup> recebidos do ambiente/meio social em que vive, ela começa a conversar com Deus e a admirar as coisas por Ele criadas.

Para a criança de 4 a 6 anos, a fé é algo que se pode sentir, ouvir e perceber. Nesta fase, a fé pode ser percebida no meio ambiente em que vive. Para ela, a oração já faz sentido, pois começa a conversar com Deus, a partir do que experiencia na comunidade que frequenta e vendo a relação dos seus pais com Deus<sup>56</sup>. Nessa fase, Deus é alguém com características de pessoa humana, uma imagem que tem muito a ver com aquela que os pais fazem de Deus, ou seja, se para eles Deus é bom, é severo, para ela também o será assim. A criança constrói a base de sua fé nos exemplos de vivência cristã de seus pais<sup>57</sup> e da comunidade/igreja.

Na fase dos 7 aos 9 anos a criança pode conhecer Jesus como o Deus que se fez homem<sup>58</sup>. Mas ainda necessita de exemplos concretos, que podem ser apresentados pelos relatos bíblicos, nos quais a criança possa perceber e destacar detalhes importantes da sua vida e da vida de outras pessoas, que se destacam por causa da fé<sup>59</sup>.

---

<sup>54</sup> J. H. WESTERHOFF, *Tendrán fe nuestros hijos?*, p. 73-74.

<sup>55</sup> Centro de Elaboração de Material da IECLB. *A criança dos quatro aos doze anos: Seu corpo, sua mente, seu relacionamento, suas emoções, sua fé*, p. 26.

<sup>56</sup> Idem, *ibidem*, p. 23-24.

<sup>57</sup> Idem, *ibidem*, p. 25.

<sup>58</sup> Idem, *ibidem*, p. 39.

<sup>59</sup> Idem, *ibidem*, p. 40.

Dos 10 aos 12 anos, a fé da criança encaminha-se para uma fé compreendida através da prática, ou seja, ela percebe a diferença entre falar de Deus e viver o que se fala de Deus. É aqui que a criança supera idéias anteriores que tinha sobre Deus e busca ver como a fé se opera na prática. É a fase das atitudes de questionamento e dúvida, a partir das quais a criança mostra a necessidade de entender quem é Deus e os valores religiosos de uma maneira diferente dos anos anteriores, buscando também descobrir a importância destes valores para sua vivência<sup>60</sup>.

Para uma melhor visão, segue o quadro abaixo<sup>61</sup>:

4 – 6 anos	7 – 9 anos	10 – 12 anos
<p><b>Sua mente</b> = Atenção limitada. Vocabulário pequeno, mas crescente. Curiosidade e tendência a fazer perguntas. Imaginação fértil e ativa. Memória fraca. Dificuldades para entender tempo e espaço. Tendência a imitar os outros. Senso prático.</p>	<p><b>Sua mente</b> = Aprende a ler e escrever. Muita fantasia, apesar de ser prática. Dificuldades para expressar-se. Facilidade para decorar.</p>	<p><b>Sua mente</b> = Consegue relacionar perfeitamente tempo e espaço. Desenvolvimento do pensamento realista e objetivo. Desenvolvimento do pensamento lógico e boa memória. Curiosidade pelo mundo.</p>
<p><b>Suas emoções</b> = Sente intensamente. É bastante instável em suas emoções. Necessita de liberdade para expressar suas emoções</p>	<p><b>Suas emoções</b> = É imprevisível. Sente medo. Tem necessidade de liberdade para externar suas emoções e irrita-se com facilidade. Anima-se facilmente. É impaciente e gosta de ajudar.</p>	<p><b>Suas emoções</b> = Tem necessidade de receber elogios. Não gosta de papavicos. Fácil descontrole das emoções.</p>
<p><b>Sua fé</b> = A fé é um Dom de Deus. A criança começa a despertar para Deus. Quem é Deus. Começa a descobrir o certo e o errado. Sente necessidade de ser amada. Curiosidade sobre a morte. Conhece mais facilmente Deus através de Jesus.</p>	<p><b>Sua fé</b> = Descobre Deus através de Jesus Cristo. Apresentar o Jesus ressuscitado.</p>	<p><b>Sua fé</b> = Encaminha-se para uma fé compreendida pela prática. Começa a questionar o que aprendeu sobre religião. O conceito sobre Deus muda durante o desenvolvimento. Faz perguntas importantes e deseja respostas concretas.</p>

<sup>60</sup> Centro de Elaboração de Material da IECLB. *A criança dos quatro aos doze anos: Seu corpo, sua mente, seu relacionamento, suas emoções, sua fé*, p. 59-62.

<sup>61</sup> Idem, *ibidem*, p. 64.

Segundo Fraas, a fé é expressão de uma relação que é criada por Deus, através de seu chamado<sup>62</sup>, e é através de experiências cotidianas que a fé é aprendida. Logo, não basta falar de fé para os pequeninos, é necessário inclui-los nas celebrações litúrgicas, para que experienciem o sagrado. Não é suficiente saber sobre a fé, mas ter fé, ou seja, é necessário aprender e viver a fé, pois a fé é um jeito de viver e agir relacionado diretamente com o sistema de valores de cada pessoa e de cada grupo. As crianças aprendem acerca de Cristo primeiro por experiências efetivas e não pelas afirmações teológicas<sup>63</sup>.

Percebe-se, com isso, que a criança tem a necessidade de participar das celebrações litúrgicas, para desenvolver sua fé e sua espiritualidade. Nessa perspectiva, o espaço para ser, para crescer e para crer, integrado por crianças e adultos, é espaço de aprendizagem que motiva e impulsiona a vida comunitária, antecipando o Reino de Deus.

A fé estabelece uma relação de interação entre o indivíduo e o social. Ela requer símbolos, cultura, linguagens, enfim, uma comunidade para se expressar e participar. A fé é uma expressão humana comunitária, portanto social, que deve se atualizar na dinamicidade da vida e das relações. O ser humano, incluindo as crianças, é chamado a participar na construção comunitária do sentido e significado da vida. Esta construção implica, para se concretizar, a inserção da criança no culto e na dinâmica litúrgica.

---

<sup>62</sup> Hans Jürgen FRAAS, *Crer e aprender*, p. 180.

<sup>63</sup> Débora B. A. JUNKER, *A criança na comunidade de fé*, p. 49.

## CAPÍTULO IV

### APONTAMENTOS PARA A INCLUSÃO DA CRIANÇA NO CULTO EUCARÍSTICO

Nos capítulos anteriores foram realizados estudos sobre a criança do ponto de vista bíblico, do seu desenvolvimento cognitivo e psicossocial e da fé e espiritualidade. Vimos que a relação entre a criança e a religião era íntima e pessoal na tradição bíblica, que há etapas de desenvolvimento cognitivo e psicossocial da criança, além da relação entre a fé e a espiritualidade. A fé e a espiritualidade são os fios condutores das celebrações litúrgicas e na liturgia de um culto se revela a intimidade entre Deus e o seu povo.

O ser humano é um ser celebrante e as crianças o são de forma especial. A criança fabrica ou transforma a realidade criativamente. Ela reflete sobre os seus próprios feitos e eleva-os a Deus, admitindo e depositando-os sob Ele, pois tem convicção de que nada conseguiria por conta própria. Numa comunidade, formada por adultos e crianças, celebram-se momentos felizes, extraordinários, tristes. Celebrar seria como anunciar e denunciar a vivência, compartilhar os próprios atos, contemplá-los, perscrutar-lhes o sentido e reconhecer neles a própria identidade. Na liturgia, portanto, é possível rever o significado da realidade e refletir sobre ela num nível profundo, através dos símbolos, rituais e mitos, que são elementos da representação da própria realidade.

A celebração cristã “dramatiza”, ritualiza em palavras e gestos, cantos e danças... aquilo que se crê. Com seus ritos e mitos (em sentido antropológico) é expressão, é ação ritual, é representação simbólica de nossa fé. E essa fé por sua

vez expressa nossa maneira de ver a pessoa humana e o mundo, nossa maneira de considerar e estar dentro da realidade<sup>64</sup>.

Deste modo, todas as pessoas da comunidade podem contribuir na celebração, expressando sua fé e espiritualidade, crescendo e compartilhando sua vivência. As crianças estão inseridas neste meio e podem auxiliar na promoção do culto e na execução da liturgia. Elas também cantam, dançam, oram e são capazes de exporem o que realmente sentem em relação ao que está sendo celebrado.

A criança participa de seu próprio desenvolvimento, é criativa. Por essa razão, ela inventa sua relação consigo mesma e com os outros. Com sua criatividade ela é capaz de descobrir o seu mundo e seus significados. Piaget chamou a atenção para o fato de que à medida que a criança interage com objetos e pessoas, ele constrói e ordena seu espaço. Isso nos remete à liturgia, um espaço que pode ser compartilhado com as crianças. Além disso, se o adulto e a criança têm espaço na liturgia, a reciprocidade entre ambos tem o poder de transformar a linguagem entre as faixas etárias, levando a uma capacidade maior de desenvoltura na interação entre a criança e o adulto. Quando ocorre esta interação litúrgica, constrói-se mutuamente o diálogo interativo, que gera uma comunicação eficaz e faz translúcida a relação entre o adulto e a criança.

### Providências

O preparo de um culto começa antes da sua celebração. Em vista da situação específica na qual o culto se desenvolve, é necessário providenciar com antecedência e com amor símbolos, material de infra estrutura e definir as tarefas de cada participante.

### Chegada na igreja

É agradável chegar a um local e ser bem recebido, antes mesmo de entrar na festa. Por isso, é necessário buscar formas e jeitos para receber as pessoas, estimulando o

---

<sup>64</sup> Ione BUYST, E.B. CARDOSO, A celebração litúrgica na caminhada do povo de Deus, p. 54.

reencontro com Deus e com as pessoas da comunidade. Isso pode ser feito por um grupo de recepção. O momento que antecede o início do culto, no pátio da igreja, é especial, pois ali as pessoas, adultos e crianças, conversam e brincam, ocorrendo já integração entre elas.

### Liturgia de Abertura

#### Acolhida

Sabe-se que o ambiente é fundamental para o desenvolvimento da criança. Na acolhida, a comunidade é saudada e recebida com carinho e calor humano. A criança percebe isto e se alegra, gerando em seu íntimo o desejo de sempre estar ali. As pessoas visitantes, adultos e crianças, devem ser apresentadas, cumprimentadas e acolhidas.

Na acolhida, o gelo é quebrado e a comunidade é envolvida, para que ela se sinta como a família de Deus. Por isso, quando falamos da presença e participação da criança no culto devemos lembrar que é nas relações com objetos e pessoas que a criança constrói o seu próprio mundo. No espaço litúrgico a criança pode construir e apresentar o seu mundo em relação a Deus e sua vivência na comunidade. Através deste momento, o que se passa no culto pode ficar mais interessante e tornar-se mais compreensível e estruturado, na medida em que a criança sente-se integrada na celebração desde o seu início.

#### Saudação apostólica

Com esta saudação fica expresso que o culto se realiza em nome, sob a graça e na compreensão do trino Deus. A criança, desde tenra idade, deve saber e assimilar que este encontro não é devido ao pastor/a, mas *por e em* nome de Deus.

#### Confissão de pecados

Este momento deve ser trabalhado de forma a mostrar que, como seres humanos, somos limitados, imperfeitos e erramos, mas que com a confissão de pecados reafirmamos nossa amizade e dependência de Deus.

### Kyrie Eleison

A comunidade reunida celebra num contexto em que há muitas e diversificadas formas de sofrimento no mundo. Quando a criança faz parte deste momento, ouvindo e clamando como corpo, em favor dos que sofrem, são perseguidos, oprimidos, etc., ela sente-se importante e aprende desde a tenra idade que experienciar o sagrado é ir além de si. Com isso, ela compreende que fé e espiritualidade é interceder também pelo mundo, pelas pessoas que estão longe. Nesse sentido, o uso de imagens, como fotos de pessoas com rostos sofridos, de crianças, de um globo (mundo), etc., pode ajudar na realização deste momento, já que os símbolos são recursos importantes que ajudam a criança no processo de assimilação daquilo que se quer transmitir a ela.

### Gloria in Excelsis

No culto, Deus vem e está no meio da comunidade, através da Palavra e no Sacramento. Sua presença é reconhecida com alegria e fé fervorosa, que resultam numa expressão de louvor a Deus e na glorificação do seu nome.

Assim, adultos e crianças, que formam a comunidade reunida no culto, expressam motivos de gratidão e de louvor em função do reconhecimento da presença de Deus na vida cotidiana da comunidade, como, por exemplo, pela criança que nasceu, pela recuperação da saúde, pelo noivado/casamento, pela colheita dos frutos da terra, pelos trabalhos em benefício do próximo.

Este momento torna-se marcante e penetra a profundidade da alma humana se é acompanhado de um refrão cantado ou um hino de louvor após a apresentação dos motivos de gratidão. Isto faz com que a criança sintam-se inserida na comunidade, pois além de gostar de cantar, ela é capaz de expor o que realmente sente em relação ao que está sendo celebrado.

### Oração do Dia

## Liturgia da Palavra

As leituras bíblicas seguem o lecionário em uso na igreja e podem ser intercaladas por cânticos, fundo musical ou momentos de silêncio.

As leituras bíblicas devem ser feitas com clareza. Quando a criança sabe ler, ela poderá ter a sua própria Bíblia, acompanhando a leitura. Ela também poderá fazer uma das leituras bíblicas, sendo para isso convidada previamente, para que possa treinar antes a leitura e não ficar nervosa. As leituras podem ser feitas *para* ou *com* a comunidade, revelando a diversidade de possibilidades que possa levar a comunidade a perceber o que o Senhor quer falar e fazer para que haja interação entre os seus participantes.

## Prédica

Um dos textos bíblicos lidos serve de base para a prédica.

A prédica ou pregação não é a única forma de traduzir o que diz a Palavra do Senhor para o nosso contexto. Há muitas formas de se fazer isto, as quais podem ser complementares à pregação clássica. Nesse sentido, é útil o uso do termo interpretação da Palavra de Deus, uma expressão que será melhor compreendida pela criança.

A interpretação da palavra de Deus pode acontecer de forma coletiva, valorizando as opiniões das pessoas no culto e possibilitando o diálogo entre elas.

Novos jeitos de se fazer a prédica ou pregação contribuem para uma melhor assimilação e entendimento por parte da criança e também dos adultos. Assim, na prédica podem ter lugar dramatizações (teatro), painéis, depoimentos, contemplação e reflexão sobre uma figura ou imagem, silêncio, testemunho sobre a vivência à luz da Palavra e jograis. Tais formas de transmitir a mensagem ou de interpretá-la contribuem para que a criança aprenda mais acerca de Cristo através de experiências, pois a fé é aprendida através das experiências cotidianas da comunidade. Quando a forma de pregação muda, como, por exemplo, o uso de jogral, teatro, imagem ou figuras, reflexão, as crianças podem ser co-participantes, o que ajudará no desenvolvendo da sua fé e espiritualidade. A prédica deve

ser aprendizagem praticada, que supera as barreiras das gerações, e a igreja deve ser espaço motivador e impulsionador da vida comunitária, antecipando o Reino de Deus.

### Cânticos intermediários

Além dos cânticos da liturgia de abertura e da Palavra, os cânticos intermediários visam destacar a palavra de Deus e auxiliar na assimilação do seu conteúdo. Nesses cânticos, a comunidade expressa sua resposta aos momentos do culto, como a leitura bíblica e a pregação. São também momentos de se sentir, emocionar e refletir e, dependendo do cântico, a criança pode bater palmas, dançar.

Os momentos de cânticos são bons para afirmar a importância da participação das crianças no culto, devido a facilidade que elas têm para decorar, aprender a tocar um instrumento e tocá-lo, conseguirem se expressar corporalmente com facilidade, como na dança. Por essa razão, as crianças podem cantar em coro, solo, e ainda expressar o cântico corporalmente (dança). A criança não encara seu físico separado de si mesma, como um apêndice. Ela gosta de atividades e movimentos com intensos estímulos. Como gostam de pegar com as mãos, ver com os olhos, saborear com a boca, ouvir com os ouvidos, da mesma forma gostam de jubilar, dançar e se encontrar com todo o seu corpo.

### Ofertas

As crianças, mesmo as que estão na fase do egocentrismo: 'do tudo é meu', podem e devem ofertar, assim como recolher as ofertas e levá-las até o altar. Isto contribui para o seu desenvolvimento, no sentido de fazê-las dar e não apenas receber. Além disso, as ofertas traduzem a gratidão da comunidade para com Deus, seu compromisso e sua solidariedade com as pessoas que passam necessidades. O fato de a criança dar, participar deste momento, contribui para gerar, durante o seu crescimento, uma maior solidariedade para com o outro/a. Trata-se de um doar-se que é desenvolvido ao longo de seu crescimento.

## Avisos

### Oração de intercessão

Por ser um imperativo para a comunidade reunida, a oração de intercessão é essencial. É o momento no qual a comunidade apresenta diante de Deus suas súplicas pelas necessidades concretas da Igreja, do mundo, da sociedade, das pessoas dentro e fora dos seus limites. Não há uma forma única de fazê-la. A criança pode, portanto, dela participar, fazendo uma oração de intercessão. Neste caso, ao participar, ela se apresenta como parceira de diálogo extremamente competente.

Se a criança não aprende a interceder, é porque isto não lhe foi ensinado e nem lhe foi dado vez e voz. A oração, para a criança, vem a ser um ritual importante no qual ela pode estar envolvida, pois nela as experiências diárias podem ser incluídas e, assim, a vida, com seus medos, alegrias e conflitos, os quais podem ser expressos de maneira elementar diante de Deus, no louvor e na súplica, na queixa e no agradecimento.

### Liturgia da eucaristia

A liturgia da eucaristia é um dos momentos especiais do culto, pois o pão e o vinho são veículos da graça de Deus para o seu povo e sinais que apontam para uma experiência vivida em outra realidade. Não participar da eucaristia é como não querer ouvir a palavra de Deus. Dessa forma, todos/as, crianças e adultos, são convidados/as para este banquete.

Fazê-lo “em memória de mim”, conforme ordenou Jesus, reafirma para os poderes que dominam, para os mais fortes, que a vida prevalecerá sobre a morte. E a criança está acima do poder. Assim, estaremos reunidos/as, unificados/as no Corpo de Cristo, partilhando os frutos de nosso trabalho. É partilha de fé.

Quando a criança participa da eucaristia, a exclusão é quebrada, o individualismo é excluído e a igreja deixa de reproduzir o meio secular, onde há chefes e subalternos, opressores e oprimidos, fortes e frágeis.

Em face das múltiplas exigências ideológicas e sociais imperantes em nossa sociedade e no sistema que a governa, quais sejam as de produção e posse, cultura e poder, a valorização do ser humano simplesmente pelo que é, sobretudo quando apresenta deficiência, fraqueza, impotência, pobreza, marginalidade e exclusão, nos devolve a pista que leva ao Jesus de Nazaré, nascido numa estrebaria e morto numa cruz<sup>65</sup>.

### Preparo da mesa e ofertório

Para sinalizar visivelmente este momento da celebração, o pão e o vinho são levados ao altar. O fato dos elementos serem levados ao altar, por um adulto, uma criança ou ambos, trabalha na mente da criança uma imagem, que fica gravada na sua memória, pois é na ação que o pensamento surge e se alimenta. Isso leva a criança a distinguir o que permanece constante em meio à mutabilidade da realidade externa, formando um sistema de representação das coisas e do mundo. Dependendo da idade, a criança já tem capacidade de raciocinar logicamente, organizar pensamentos em estruturas coerentes e totais, dispendo-os em relações hierárquicas ou em seqüências. Por essa razão, o ofertório com os elementos da eucaristia visíveis e a participação da criança na eucaristia lhe proporcionará a compreensão do que é a eucaristia e do seu significado para a vida cristã.

### Oração eucarística

A criança deve saber que a oração eucarística é o momento que antecede o banquete, é a oração de mesa dessa refeição, um momento de explosão de gratidão, alegria. As palavras da instituição da eucaristia devem rememorar, trazer à memória algo importante para a vida do ser humano, tanto no presente quanto no futuro.

Este momento faz com que a criança envolva-se profundamente. Sendo o momento de manutenção da memória, é para ela como uma história que se evidenciará na sua formação. Com isso, a criança adquire consciência do significado e valor dos eventos salvíficos que marcaram a história do povo de Deus e do seu povo. Nesta rememoração, ela renova na fé a compreensão de si mesma. Crianças criadas num ambiente em que as

---

<sup>65</sup> Walter ALTMANN, *Lutero e Libertação*, p. 94.

coisas são permanentemente recordadas, educadas nesta escola de fé e esperança, sentem-se participantes da história de Deus e permanecem nesta fé e na comunidade quando tornam-se jovens adultos.

### Pai Nosso

Quando as crianças aprendem e fazem a oração do Pai Nosso, elas ficam sabendo que a fé é vivida e partilhada em comunidade. Aprendem que nesta oração podem sonhar com o futuro; pedem por um mundo de fartura, o pão diário para todas as pessoas; aprendem que é necessário perdoar, pois é perdoando que se conduz à reconciliação. É oportuno fazer esta oração de mãos dadas, valorizando o toque, a força do gesto, o contato corporal entre as pessoas que formam o corpo de Cristo.

### Gesto da Paz

Este é o momento em que se trata da paz que move e transforma pessoas, que promove o perdão e articula a reconciliação. A comunidade é convidada, a partir da paz que Cristo oferece, a realizar o gesto da paz. Este momento deve ser significativo na vida da criança, pois faz com que desde a tenra idade ela aprenda a ir ao encontro do outro, através de um aperto de mão, de um abraço, um beijo. Ele faz também com que a criança seja inteiramente participante e aprenda que sua vivência cristã não é isolada, individual, mas depende do outro/a.

### Fração

O gesto da fração é marcante na vida da criança. Durante a fração, o pão e o cálice são elevados, no sentido de serem apresentados à comunidade. A força dos gestos contribui para apontar aquilo que de fato cria a comunhão que une e que move a comunidade cristã: o que Cristo fez por nós.

Como se sabe, a criança tem uma percepção elevada e assimila com facilidade os gestos e palavras. Assim, a linguagem, ou seja, o que é dito no momento da fração e os elementos elevados, têm um papel importante de transformação na vida da criança em seu relacionamento com as coisas, com as pessoas e consigo mesma. A criança desenvolve habilidades, a percepção está centrada na construção de um futuro que a capacite e prepare para a vida familiar, desenvolve noções de trabalho. Por ser uma fase de estabelecer relações (laços afetivos), a criança busca enraizar seu sentido de vida em meio às interações simbólicas da fé. Por isso, o momento da fração marca a vivência de fé cristã da criança, já que faz uso do gesto (elevar) e do simbólico (pão e vinho).

### Comunhão

Para a criança, o momento da comunhão é o momento de participar do banquete, com todos/as da comunidade que fazem parte da grande família de Cristo. Aqui, a criança experimenta o que ela ouviu e expressou anteriormente: Cristo está ali no pão e no fruto da videira, e, através dele, em meio à diversidade, somos um só corpo em Cristo. Por essa razão, é importante realizar formas de comunhão, nas quais todos/as comam do pão e bebam do vinho, expressando e ressaltando realmente o significado deste momento, para não dar margem ao individualismo, à exclusão.

### Oração pós comunhão

É a oração em que se agradece pelo que foi recebido e experimentado na Ceia, com olhos ao testemunho que inicia com o Envio para servir ao Senhor Jesus.

### Bênção e envio

Como a bênção pode ser acompanhada de gestos, ela torna-se importante para a vida da criança. A criança saberá que neste momento estará recebendo a bênção e também sendo enviada para viver o seu dia-a-dia servindo ao Senhor.

## CONCLUSÃO

Não basta abrir a janela  
 Para ver os campos e o rio  
 Não é bastante não ser cego  
 Para ver as árvores e as flores  
 É preciso também não ter filosofia nenhuma.  
 Com filosofia não há árvores: há idéias apenas.  
 Há só cada um de nós como uma cave.  
 Há só uma janela fechada, e todo o mundo lá fora;  
 E um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse,  
 Que nunca é o que se vê quando se abre a janela.  
 Fernando Pessoa<sup>66</sup>

Os fatos, as relações, as ações, os sentimentos, os valores e os demais elementos que compõem a nossa existência só adquirem significado a partir do outro que os interpreta e os resignifica, pois nos constituímos, a partir do outro, numa relação dialética. A criança, objeto deste trabalho, é, em especial, um ser precipuamente social. Seu desenvolvimento não ocorre apenas com operações individualistas, mas, essencialmente, cooperativistas. Elas percebem, interpretam, agem, vivem a fé e experienciam o sagrado à sua maneira.

Sabendo que, biblicamente, a criança tinha um papel importante de participação na história do culto, na vivência da fé e espiritualidade, não é suficiente abrir uma janela, como nos diz o texto acima de Fernando Pessoa; não é suficiente saber que se poderia abri-la; é importante sonhar, mas só isso não é o bastante, pois nunca saberemos realmente o que contemplaremos ao abriremos a janela.

Quando abrimos a janela da comunidade de fé para vermos a criança, percebemos que em muitos momentos da história da Igreja e da caminhada da humanidade, todo o esforço empreendido para compreender e interpretar a criança foi feito com a janela

---

<sup>66</sup> Fernando PESSOA, Ficção do interlúdio 1- Poemas Completos de Alberto Caeiro, p. 103.

fechada, sonhando com a criança que está do outro lado da janela, desejando que a criança agora adolescente entre para a igreja e participe das celebrações, algo que lhe foi negado na infância.

Por essa razão, ao buscarmos na teoria reforços para a participação das crianças no culto procuramos respaldar o ponto de vista de que a criança é capaz e deve participar como sujeito ativo na liturgia do culto. Além disso, buscamos trazer para a comunidade de fé uma nova interpretação para as relações que se pautam no diálogo e na descentralização, a fim de recuperar a liberdade de expressão da criança.

Ao falarmos da criança no contexto sócio-cultural e religioso do mundo bíblico, nossa pesquisa trouxe a resposta à indagação “quem são as crianças na e da Bíblia?”. Descobrimos que as crianças na e da Bíblia são filhos/as de um povo que tem uma história e, acima de tudo, uma história de fé no Deus que atua na história. Descobrimos que uma criança que nascia num lar hebreu tornava-se uma aprendiz do culto, pois desde pequenina ela estava presente e tomava parte no culto e a oração era parte natural da sua vida diária. Ela participava como adoradora e aprendiz no culto, nas festas, nos rituais religiosos e celebrativos, razão porque, na tradição bíblica, a relação da criança com a religião era pessoal. No culto israelita, adultos e crianças enriqueciam um ao outro.

O estudo sobre o desenvolvimento cognitivo e psicossocial da criança mostrou-nos que a criança, nas mais variadas fases de seu desenvolvimento, tem necessidade de pertencer a um grupo social, a um contexto de relações que desenha o mundo e ensina os primeiros passos a vida. Nesse desenvolvimento estão incluídas a fé e a espiritualidade, já que desde pequena a criança busca esferas que dêem sentido à vida. É na interação, que aponta para a inter-relação entre criança e ambiente, que está a base da inteligência e do amadurecimento.

Ora, se o mundo exterior é constitutivo para o desenvolvimento da criança, a fé comunitária é indispensável para ela, pois é essencial para a formação de um estilo de vida que a ajudará a relacionar-se com o coletivo de forma pessoal e não individualista. Isto deve nos ajudar a compreender e a aceitar a participação plena da criança em nossas celebrações litúrgicas, pois a criança inicia sua percepção de fé nos primeiros anos de vida e a forma de vida e o conteúdo de fé mantêm-se unidos, fazendo com que a criança cresça percebendo e vivenciando a fé e a espiritualidade.

Com os apontamentos para a inclusão da criança no culto eucarístico, procuramos apontar caminhos que possam favorecer a participação da criança no culto. Sabemos, contudo, que à medida que caminhamos nesta direção, novas pistas podem ser descobertas e acrescentadas. Uma proposta não se esgota em si mesma, não se fecha em si mesma e é apenas um começo. Ao se apontar caminhos, pressupomos que não só os adultos transmitem e interpretam o conteúdo bíblico e participam da liturgia, mas que as crianças sejam intérpretes da liturgia segundo suas experiências e seu entendimento, contextualizando a mensagem do reino na sua vida e tornando-se co-participantes da vida litúrgica da igreja.

Dessa forma, a participação da criança na liturgia e na vida celebrativa da comunidade de fé não é um espaço alternativo, mas um espaço concreto, que visa cumprir a profecia e o sonho de que a inclusão da criança no culto não é supérflua, que o seu modo de lidar com a realidade nos ensina a sermos “como crianças”. Ser solidário com a criança significa confiar a ela sua responsabilidade e autonomia e deixar que ela expresse o que vem do seu íntimo.

Sofremos quando constatamos que no culto, considerado o momento de encontro do povo cristão com Deus, não há abertura para a participação ativa da criança e oportunidade para que ela expresse sua fé. A elas é permitido apenas recolher ofertas e cantar um cântico e, em seguida, são retiradas do culto para o cultinho<sup>67</sup>. Dessa forma, a criança não celebra, apenas cumpre ordens. Ela não festeja, é mantida quieta. A Igreja – comunidade de fé - resolve que o melhor a fazer é retirar as crianças do culto para não causarem tumulto e o que deveria ser uma honra para o adulto torna-se um estorvo.

Inverter esta situação significa abalar as estruturas. Abalar as estruturas implica em deixar que a criança, com seu jeito diferenciado de ser, fortaleça a unidade da comunidade através de seus dons, respeitando e usufruindo da multi-diversidade do potencial de cada pessoa. Assim, poderemos contar com as crianças em todas as situações, ensinando-nos a proclamar o “perfeito louvor” (Sl 8). A criança é potência que anima qualquer ambiente e, presente em nossas celebrações, não é mero corpo, é gente, gente como nós, palpável, visível, que um dia contará a outros sua história e a história do seu povo. Uma vez que a

---

<sup>67</sup> Trata-se da prática de algumas igrejas protestantes de retirar as crianças do culto no momento da pregação, levando-as para um momento de estudo bíblico, brincadeiras, etc.

igreja toma partido favorável à criança como participante ativa do culto, ela faz uma decisão por um mundo novo e torna-se uma nova igreja, assumindo responsabilidades pela vida coletiva, sem excluir ninguém. O desafio está lançado, velhas estruturas, velhas idéias e velhas práticas podem ser extintas com a participação das crianças na liturgia.

## V- BIBLIOGRAFIA

- ALTMANN, Walter. *Lutero e Libertação*. São Leopoldo: Sinodal, 1994..
- BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. *Laboratório Litúrgico: pela inteireza do ser na vivência ritual*. São Paulo: Salesiana, 2000.
- BUYST, Ione; CARDOSO, E. B. A celebração litúrgica na caminhada do Povo de Deus. *Curso de Verão*. São Paulo: Paulinas, 1990. (Teologia Popular, 4)
- CENTRO DE ELABORAÇÃO DE MATERIAL DA IECLB. *A criança dos quatro aos doze anos: seu corpo, sua mente, seu relacionamento, suas emoções, sua fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1979.
- COLÉGIO EPISCOPAL DA IGREJA METODISTA. *Carta Pastoral do Colégio Episcopal sobre Batismo*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1996.
- ERIKSON, E. *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro:Guanabara, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Infância e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- FOWLER, James. *Estágios da Fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.
- \_\_\_\_\_. Teologia e Psicologia no estudo do Desenvolvimento da Fé. *Concilium*. Petrópolis, v. 176, n. 6, 1982.
- FRAAS, Hans-Jürgen. *A religiosidade humana: compêndio de psicologia da religião*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.
- \_\_\_\_\_. Crer e Aprender. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 34, n. 2, 1994.
- JUNKER, Débora Barbosa A. *A criança na comunidade de fé: uma abordagem sócio-construtivista a partir do conceito de ZDP de Vygotsky*. Dissertação de mestrado, apresentada no Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo, 1996.
- LEITE, B. (org). *Piaget e a escola de Genebra*. São Paulo: Cortez, 1987.
- METTE, Norbert. Aprendendo a viver e aprendendo a crer com as crianças. *Concilium*, Rio de Janeiro, n. 264, 1996.
- NG, David, THOMAS, Virginia. *Children in the Worshipping Community*. Atlanta: John Knox, 1981.

- OEPKE, A. παιδιον κτλ. In: *Theological Dictionary of the New Testament*. v. 5. Gerhard Friedrich (ed.). Grand Rapids: W.M.B.E., 1967.
- PAULA, Blanches de. *Fé e desenvolvimento humano: um estudo sobre a contribuição da teoria de James Fowler para a vida de pastores/as*. Dissertação de mestrado, apresentada no Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo, 1997.
- PESSOA, Fernando. *Ficção do interlúdio I: Poemas Completos de Alberto Caeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- PIAGET, J. *Epistemologia Genética*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- POHIER, J.-M. *Psicologia da inteligência e psicologia da fé: O sistema de Piaget aplicado à fé*. São Paulo: Herder/EDUSP, 1971.
- PULASKI, M. A. S. *Compreendendo Piaget: uma introdução ao desenvolvimento cognitivo da criança*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- VELOSO, Reginaldo. *Os filhos dos hebreus: ensaio sobre a experiência de fé das crianças no tempo e na terra de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. v. 2. São Paulo: ASTE, 1974.
- WESTERHOFF, J. H. *Tendrán fe nuestros hijos?* Buenos Aires: La Aurora, 1978.
- WHITE, James F. *Introdução ao Culto Cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.